

*Maria
Suzana
de
Almeida*

**Serviço Social e Sociologia:
relações mútuas**

Ao debruçarmo-nos sobre as relações mútuas entre o Serviço Social e a Sociologia importa definir previamente o que entendemos por um e por outra.

Enquanto ciência e ciência social a Sociologia propõe-se estudar, por um método rigoroso — científico — os fenómenos sociais como tais, isto é, os fenómenos que fazem parte do todo cultura-grupo, em si mesmos e nas suas relações com este todo.

Se considerarmos o Serviço Social como uma técnica que visa a adaptação do homem à sociedade e dos quadros sociais às necessidades do homem, fácil é deduzir que há em ambos os domínios uma zona em que o contacto facilmente se estabelece.

Ao procurar a adaptação entre o homem e o seu meio o Serviço Social dirige-se a um homem determinado, vivendo num tempo determinado; encontra-se diante duma sociedade concreta, tributária duma cultura e dum sistema de valores determinados, num ponto dado da sua evolução. Esta sociedade constitui um todo e a actuação sobre uma das suas componentes terá repercussões sobre todas as componentes restantes.

Ainda este todo está em constante evolução e como tal deve ser considerado.

Para agir sobre ele o trabalhador social tem de decidir sob que aspecto e em que momento dessa evolução vai tomá-lo.

Mais do que prestar um auxílio a uma pessoa ou a um grupo de pessoas necessitadas, o Serviço Social procura pôr essas pessoas em condições de resolverem os seus próprios problemas. Para tal tem de conhecer as necessidades do meio sobre o qual pretende actuar. Esta acção não pode orientar-se apenas segundo um esquema teórico decorrente duma concepção dada. Um plano de acção que não tome suficientemente em conta o meio concreto a que se destina arrisca-se a não corresponder às necessidades reais desse meio.

Uma técnica ou um elemento de solução longamente estudados e aplicados com êxito num país podem não dar qualquer resultado

quando aplicados a outro. A tentação de transpor brutalmente uma solução de um país para outro é por vezes grande e o trabalhador social tem de ter em conta a mentalidade própria e as aspirações reais da população com quem lida. Para chegar a definir uma linha de acção ele deve conhecer esta população, a sua organização, o seu sistema de valores, os seus interesses, os seus ideais.

Mais ainda, o problema da adaptação da resposta às necessidades duma população concreta não se põe unicamente quando procuramos transpor uma solução de um país ou de uma região para outra. Há que ter também em linha de conta que o trabalhador social pertence normalmente a uma classe social diferente da daqueles que em geral o procuram enquanto trabalhador social. A interpretação das necessidades destes por um e por outro, a concepção de resposta adequada, podem diferir e diferir largamente. Não basta pois conhecer as necessidades do meio, importa conhecer também a representação que esse meio se faz das suas próprias necessidades.

Não significa isto que o trabalhador social deva conformar-se inteiramente ao ponto de vista daqueles que a ele recorrem. Tal conformidade poderia, em certos casos, conduzir a uma estagnação e não a uma evolução positiva. Mas ele tem contudo de saber entrar no ângulo de visão do outro e de adaptar-se a ele.

Neste conhecimento do meio concreto a que se refere a acção do Serviço Social, da sua estrutura, das relações entre os seus componentes, das suas aspirações e concepções, pode o Serviço Social ser largamente ajudado pelos trabalhos de investigação sociológica. O trabalhador social encontrará neles os conhecimentos básicos indispensáveis à construção duma resposta válida para os problemas que quer ajudar a resolver.

Por outro lado, também o Serviço Social pode ser encarado como um todo e assim constituir ele próprio um objecto de estudo. A investigação científica procurará estudá-lo na sua organização e estrutura, no seu funcionamento, na sua adequação às situações de que procura ser um elemento de solução. Sob este aspecto a Sociologia pode contribuir para a construção dum Serviço Social mais adaptado e mais consciente de que é parte dum todo e que, como tal, deve, não agir como entidade isolada, mas como uma força social a integrar no conjunto das outras forças sociais.

Além dos dois aspectos focados — estudo do meio, estudo do próprio Serviço Social como um todo — terá ainda a Sociologia, em relação ao Serviço Social, a função de analisar os sistemas de valores do meio e do trabalhador social e a relação entre ambos.

Quer o trabalhador social o queira, que não, quer ele tenha consciência disso, quer o ignore, o seu plano de acção será referenciado a um sistema de valores, a uma concepção dada das necessidades dos indivíduos junto de quem vai agir. Para que a resposta às necessidades que esperam satisfação seja adequada e eficiente, o

trabalhador social tem de consciencializar esta referência, tem igualmente de conhecer o sistema de valores daqueles a quem se dirige e de harmonizar com ele o seu plano de actuação.

Um aspecto interessante a estudar seria, por exemplo, o da concepção que os que recorrem ao Serviço Social têm do mesmo Serviço Social. Coincidirá esta sempre, ou na maioria dos casos, com aquela que dele têm os agentes mesmos do Serviço Social?

Aquele que recorre a um serviço na esperança de que este lhe resolva um problema poderá ficar desiludido e com a sensação de não ter sido ajudado se o serviço, em lugar de lhe oferecer uma solução pronta, lhe oferece antes os meios de ser ele próprio a buscar essa solução.

Mas as relações entre Serviço Social e Sociologia não estão apenas nos benefícios que a Sociologia pode trazer ao Serviço Social. O Serviço Social, por seu turno, pode dar uma contribuição importante à Sociologia, quer pela participação dos agentes de Serviço Social no próprio trabalho de campo, quer no apontar a estes trabalhos e objectivos a prosseguir.

Assim, o Serviço Social, no seu contacto directo e profundo com as pessoas e os grupos, pode descobrir problemas que a Sociologia estudará, e que, talvez, sem a intervenção do Serviço Social, lhe passariam despercebidos.

Quanto à colaboração dos agentes de Serviço Social no trabalho de investigação temos a distinguir três aspectos:

- os trabalhos de investigação com finalidade pedagógica;
- os trabalhos de investigação em vista da acção;
- os trabalhos de investigação propriamente científica.

Os primeiros, como o nome o indica, têm por função dar a futuros agentes de Serviço Social ou de trabalho de investigação científica, a ocasião de aplicar técnicas, de aprender a efectuar trabalho directo.

Os segundos partirão normalmente da iniciativa dos serviços sociais e serão realizados pelos próprios agentes de Serviço Social, eventualmente com a ajuda e a assistência técnica de sociólogos.

Finalmente os terceiros, sem terem em vista, ao menos de modo imediato, a acção, serão levados a efeito por agentes de investigação sociológica. Neles poderão participar, eventualmente, agentes de Serviço Social, mas neste caso trabalharão mais como sociólogos que como assistentes sociais.

A diferença entre as duas últimas categorias está simultaneamente no ponto de vista — encarar um problema ou uma situação no intuito de agir ou de conhecer — e no âmbito deixado assim à investigação.

Ao debruçar-se sobre um problema no intuito de lhe encontrar uma solução imediata o investigador está, desde o início, orientado,

mas também limitado, pelo próprio objecto do seu trabalho. Procurará, é certo, conhecê-lo sob os seus diferentes aspectos e em profundidade, procurará conhecê-lo nas suas relações com o todo a que pertence, procurará, na medida em que o seu objectivo lho exija, conhecer este mesmo todo. Mas o seu caminho e, em parte, a sua extensão, estão-lhe de antemão fixados.

Pelo seu lado, o agente de investigação sociológica, ao procurar conhecer teoricamente um grupo, uma cultura, um meio social, fá-lo, digamos, duma maneira desinteressada.

Não se encontrando condicionado pela preocupação do imediato, sem procurar desde o início responder a tal ou tal dificuldade, a investigação tem assim à sua disposição um domínio mais vasto de investigação.

As suas conclusões poderão, é certo — e mesmo desejável — servir de base à elaboração de planos de acção e a independência inicial pode mesmo ter permitido a descoberta de problemas e raízes de problemas que um estudo imediatamente orientado para a acção não teria talvez revelado.

Não pretendemos com isto afirmar uma cisão absoluta entre o conhecimento teórico e o conhecimento em vista da acção. Pelo contrário, parece-nos que a teoria, e particularmente a teoria sociológica, deve, em última análise, servir ao melhoramento das condições de vida do homem.

Creemos no entanto que há aqui duas formas diferentes de conhecimento, cada uma com o seu espírito e a sua finalidade próprios, cuja independência importa reconhecer e salvaguardar.

O respeito pelo domínio próprio de cada uma destas formas de conhecimento conduzirá finalmente a um enriquecimento e a uma valorização de ambas e permitirá uma interacção correcta e fecunda.

*João
Cruzeiro*

Formação e utilização do pessoal científico e técnico: a acção da O. C. D. E.

I — O desenvolvimento económico e a formação e utilização do pessoal científico e técnico

1 — As relações de dependência entre o desenvolvimento económico e o progresso dos conhecimentos científicos e técnicos constituem um dos domínios hoje correntemente introduzidos na concepção e execução das políticas de desenvolvimento. E se se deve